

**NACIONALIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA? CONSULTAS NA  
REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA DE LAUDELINO FREIRE  
(1925)**

**PEREIRA**, Givanilde dos Santos.

gillestrela@hotmail.com

**GALLY**, Christianne de Menezes (orientadora).

Graduada em Letras, Especialização em Língua Portuguesa, Mestre em  
Historia da Educação, Especialista de Língua portuguesa do  
FUNDESCOLA/MEC, prof<sup>a</sup> do curso de Letras-Português da Universidade  
Tiradentes-UNIT e do curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe-UFS.

Chrisfreitasgally@yahoo.com.br

**RESUMO**

Este artigo tem como principal objeto de estudo a seção de consultas do ano de 1925, publicada na *Revista de Língua Portuguesa* que era dirigida pelo escritor Laudelino de Oliveira Freire. O trabalho aqui exposto tem como finalidade analisar as dúvidas mais comuns que estão expostas nesta seção acerca do uso correto da língua portuguesa e entender as inquietações e os desafios que os estudiosos gramáticos, lingüistas e filólogos enfrentavam diante das polêmicas que eram travadas entre intelectuais portugueses e brasileiros.

**PALAVRAS – CHAVE:** Revista de Língua Portuguesa, Laudelino Freire, Língua Portuguesa.

## **NACIONALIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA? CONSULTAS NA REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA DE LAUDELINO FREIRE (1925)**

O presente artigo tem como objetivo analisar dúvidas, que algumas pessoas enviavam para à redação da Revista de Língua Portuguesa, que foi dirigida e publicada pelo escritor Laudelino de Oliveira Freire.

Assim sendo, foram escolhidas algumas edições, e em especial as edições de números 03, 34, 36, 37 e 38 do ano de 1925. Após a escolha, foi feito um levantamento das indagações que estavam contidas na seção de consultas. O terceiro passo, foi tabular essas dúvidas e separá-las por área gramatical: ortografia, sintaxe, morfologia, semântica e etimologia.

As indagações eram feitas por pessoas que certamente tinham conhecimento, porém, essas pessoas também tinham dúvidas acerca de como usar certa palavra ou expressão. Algumas se identificavam, outras usavam pseudônimos, ou nem se identificavam.

Todavia, as respostas eram dadas pelos estudiosos da língua portuguesa, filólogos, gramáticos, lingüistas, historiadores etc, como, por exemplo, o próprio dirigente da Revista Laudelino Freire, João Ribeiro, Júlio Pires, A. Leite e Assis Cintra que eram também colaboradores da Revista de Língua Portuguesa.

## **QUEM FOI LAUDELINO DE OLIVEIRA FREIRE?**

Laudelino de Oliveira Freire<sup>1</sup>, nasceu em Lagarto, estado de Sergipe, em 26 de janeiro de 1873, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de junho de 1937. Em 1902 Laudelino formou-se em Direito. Porém a profissão de advogado não teve lugar exclusivo em sua vida. Ele também exerceu cargos públicos, o magistério e o jornalismo, colaborando também na imprensa usando pseudônimos.

Após cumprir três mandatos como deputado estadual na Assembléia Legislativa de Sergipe, Laudelino Freire fixou-se definitivamente no Rio de Janeiro. Foi professor catedrático do Colégio Militar, tendo lecionado várias disciplinas (Português, Espanhol, Geografia, História e Geometria) e consolidado sua carreira de escritor, filólogo e jornalista.

Como jornalista, Laudelino foi diretor da Gazeta de Notícias e colaborou em outros jornais, entre eles o Jornal do Brasil, Jornal do Comércio e O País. Todos os seus artigos foram reunidos em Notas e perfis, em 11 volumes (1925-1930).

Laudelino Freire foi um dos maiores investigadores dos estudos clássicos e filológicos no Brasil. Em 1918 fundou e dirigiu a Revista da Língua Portuguesa, publicando trabalhos de alto valor, quer seja filológico, quer literário, como por exemplo a Réplica de Rui Barbosa. A revista possui 68 volumes publicados que são até hoje de imprescindível ajuda para quem pretenda estudar a língua portuguesa. Foi fundador e dirigente também da Estante Clássica que é composta de (15 volumes). É o autor do Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa, de publicação póstuma em cinco volumes, com a colaboração de J. L. de Campos, Vasco Lima e Antônio Soares Franco Júnior.

---

<sup>1</sup> Biografia pesquisada no site [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)

Em toda a sua obra de escritor e de jornalista Laudelino cultuou o português divulgando os tesouros que descobria. A gramática não era venerada por ele, mas a história, o espírito e o desenvolvimento da língua. Laudelino foi um dos maiores defensores da simplificação da ortografia no Brasil

Por ser um homem comprometido com discussões que envolviam a língua nacional, foi convidado no ano de 1920, pela Liga da Defesa Nacional para substituir Olavo Bilac (que havia falecido precocemente) e proferir a conferência "A defesa da língua nacional", em prol dos interesses brasileiros.

Laudelino deixou para o povo brasileiro diversos escritos importantes, dentre eles, ensaios (1897); História de Sergipe, história (1900); Sílvio Romero, crítica (1900); Linhas de polêmica, ensaio (1901); Sonetos brasileiros, antologia (1904); Os próceres da crítica, crítica (1911); Estudos de filosofia e moral (1912); As suas contradições, resposta a Sílvio Romero (1914); Um século de pintura, história (1916); Rio Branco, discurso (1918); A defesa da língua nacional (1920); Clássicos brasileiros, ensaios (1923); Verbos portugueses, filologia (1925); Discursos (1925), Livros de Camilo, estudos (1925); Notas e perfis (1925-1930), 11 vols.; Graças e galas da linguagem, filologia (1931); Seleta da língua portuguesa, anotada (1934); Linguagem e estilo (1937).

## **A REVISTA**

Em 1919, Laudelino Freire fundou e dirigiu a Revista de Língua Portuguesa. A revista era publicada bimestralmente. Apesar de ter havido duas tentativas para que a revista não desaparecesse, ela foi editada no período que vai desde setembro de 1919 até março de 1935. A revista possuía várias seções relativas ao idioma e à literatura nacional como, por exemplo, os Mestres da Língua, Regime de Verbos Portugueses, Questões de Português, Consultas etc. Para a confecção do trabalho, Freire contava com o apoio de alguns

colaboradores que eram muito conhecidos e requisitados na época para esclarecer questões sobre a língua portuguesa. Esses colaboradores ficavam responsáveis para responder as dúvidas das pessoas que enviavam cartas à redação da revista, ou muitas vezes, eles próprios discutiam acerca de questões que estavam sendo levantadas na época.

Entretanto, não importava de onde vinham as dúvidas; as respostas eram sempre dadas e analisadas com base em algum intelectual famoso daquele período.

Com exceção de outras edições, no ano de 1925 não foi publicada na revista de número 035 de maio, a seção consulta, sendo, dessa forma publicada somente nas de números 03, 34, 36, 37 e 38.

## **A SEÇÃO DE CONSULTAS**

“A Revista de Língua Portuguesa” publicada no ano de 1919 é composta por diversas seções. A cada seção pertence determinado assunto, ou seja, críticas pertencem à uma seção específica. Em caso especial, que é a pesquisa e elaboração do nosso trabalho, analisaremos especificamente a seção de consultas do ano de 1925.

Tal seção compreende discussões acerca do uso correto da língua, seja de ordem ortográfica, morfológica, semântica ou sintática, como, por exemplo, o uso do plural dos substantivos terminados em *ão* e a expressão *apesar de*. A elaboração da seção de consultas se construía a partir das dúvidas que pessoas tinham acerca dos problemas assinalados acima e que enviavam por escrito à redação da revista. Tais perguntas eram publicadas com suas respectivas análises.

Para a efetivação desse trabalho, Laudelino Freire contava com o apoio de alguns colaboradores (gramáticos), dentre os quais destacaremos aqui Assis Cintra que respondeu as indagações da seção consultas de nº 03 de janeiro e n 34 de março; Júlio Pires seções números

34, 36 de julho e 38 de novembro; A. Leite seção consulta de número 34 de março e João Ribeiro que sozinho respondeu a todas as perguntas da seção de número 37 de setembro.

No ano de 1925, esta seção foi publicada nas revistas de número 03, 34, 36, 37 e 38. A revista de número 35 de maio não possuía a seção de consultas.

Considerando que a língua pode variar em vários aspectos, o que mais se evidencia entre eles é o regional/geográfico, ou seja, as diferenças nos falares de um lugar (região) para outro. Muitos gramáticos consideram essas variações como formas “erradas” de falar. Avaliando essas formas como inadmissíveis, os intelectuais puristas aqui citados expõem esclarecimentos quanto à norma padrão.

Dessa forma, encontraremos nesta seção os mais variados temas, vejamos o quadro abaixo:

**Tabela 1: Seção de consultas das revistas n. 03, 34, 36, 37 e 38 do ano de 1925 divididos por área.**

BIMESTRE	QUEM ESCREVE	CONSULTOR	A DÚVIDA	ÁREA GRAMATICAL
Mai/Jun 1925 n. 35	Esta seção não foi publicada			
Set/Out 1925 n. 37	Sr. V.P.A.	João Ribeiro	Etimologia da palavra – epopéia	Etimologia
Nov/Dez 1925 n. 38	Não identificado	Júlio Pires	Discussão acerca da vernaculidade da expressão - Fazer com que...	Etimologia
Nov/Dez 1925 n. 38	Sr. L.O.C.	Júlio Pires	Origem da grafia – eschola	Etimologia
Jul/Ago 1925 n. 36	Sr. Luiz e Silva	Júlio Pires	Acentuação silábica	Fonologia
Mar/Abr 1925 n. 34	Não identificado	A. Leite	Uso do onde e aonde	Fonologia
Jul/Ago 1925 n.36	Sr. José Santiago de Oliveira	Júlio Pires	A grafia – há	Fonologia
Set/Out 1925 n.37	Sr. V.A.	João Ribeiro	Pretensão ou pretenção. É certo – Qualhada? Camelião ou camalião?	Fonologia
Set/Out 1925 n. 37	M.P.	João Ribeiro	Parcimonia (com c ou s)	Fonologia
Set/Out 1925 n. 37	Não identificado	João Ribeiro	Polaca ou Polonesa?	Fonologia
Jan/Fev 1925 n. 03	Não identificado	Assis Cintra	O autor apresenta uma análise sobre o plural de palavras terminadas em ão	Morfologia
Mar/Abr 1925 n.34	Um antigo discípulo seu	Júlio Pires	Plural de gamão	Morfologia
Jul/Ago 1925 n. 36	Um antigo discípulo	Julio Pires	Se há em português os dois verbos – criar e crer	Morfologia
Set/Out 1925 n. 37	Sr. V.P.A.	João Ribeiro	Uso da preposição – com / contra. Prol	Morfologia
Set/Out 1925 n. 37	Sr. Basílio	João Ribeiro	Emprego dos pronomes – si, consigo, de si.	Morfologia
Set/Out 1925 n.	Não identificado	João Ribeiro	Feminino de parvo	Morfologia

37				
Nov/Dez 1925 n. 38	Um empregado no comércio	Júlio Pires	Uso da expressão - Apesar de a...	Morfologia
Nov/Dez 1925 n. 38	Um professor (maceió)	Júlio Pires	Plural de – leso-patriotismo e lesa-majestade	Morfologia
Jan/Fev 1925 n. 03	Não identificado	Assis Cintra	Uso da expressão de fundo, em sentido figurado. Assis Cintra supõe ser correto o uso da expressão com o sentido de coisa essencial, principal, etc.	Semântica
Mar/Abr 1925 n. 34	Não identificado	Assis Cintra	Ele analisa o significado entre as palavras período e sentença	Semântica
Mar/Abr 1925 n. 34	Sr. L.F.	Júlio Pires	Emprego da expressão vem de... Júlio Pires afirma que a expressão não é galicismo, mas puro vernáculo.	Semântica
Jul/Ago 1925 n. 36	Sr. Alves Martins	Júlio Pires	Uso da expressão – de mão, com o sentido de última mão.	Semântica
Set/Out 1925 n. 37	L.P. (Minas Gerais)	João Ribeiro	Expressão – arca partida	Semântica
Nov/Dez 1925 n. 38	Um professor (maceió)	Júlio Pires	Uso da expressão - Não se o diz com o significado de ninguém dirá isto?	Semântica
Set/Out 1925 n. 37	Um estudioso	João Ribeiro	O consultante pergunta se a expressão – de pesar equivale a gravitar, equilibrar em balança, ponderar, e se tem a mesma origem que pensar (pensare)	Semântica
Mar/Abr 1925 n. 34	Não identificado	Júlio Pires	Analisa o pronome Se como sujeito	Sintaxe
Mar/Abr 1925 n. 34	Sr. A. C	Júlio Pires	Como analisar o objeto direto de uma oração	Sintaxe
Mar/Abr 1925 n. 34	A.M.G.A (antigo discípulo)	Júlio Pires	Qual é a frase correta? Fui eu quem fiz. Fui eu quem fez.	Sintaxe
Nov/Dez 1925 n. 38	Um professor (maceió)	Júlio Pires	A forma verbal dos participípios presentes	Sintaxe



Ao analisar a tabela acima, observamos que existem dúvidas acerca de vários assuntos que são tratados pelas gramáticas. Dessa forma mostraremos aqui algumas descrições que envolvem a Fonologia, Morfologia até a Semântica.

## ETIMOLOGIA<sup>2</sup>

Na área da etimologia ocorreram três casos. O primeiro caso refere-se a origem da palavra epopéia, que foi feita pelo Sr. V.P.A. O escolhido para analisar essa questão foi o colaborador João Ribeiro, que a respeito respondeu de forma muito simples dizendo que qualquer bom dicionário de língua culta daria a resposta.

No segundo caso Júlio Pires foi comunicado de que estava sendo preparada uma discussão entre dois poetas sobre a vernaculidade da expressão “*fazer com que*”.

Um afirmava que a construção era errada e se baseava em Candido de Figueiredo; o outro poeta afirmava ser certa a expressão. Júlio Pires é então escolhido para encerrar tal discussão. Ele firma que dos vários significados do verbo *fazer* se deduz a sua transitividade ou, em linguagem vulgar, se reconhece que é ele um verbo transitivo e, assim, o substantivo ou expressão que lhe segue não é regida de preposição:

“Fazer uma coisa; fazer fé; fazer caso; fazer uns versos”.

Por outro lado, também se apresenta o verbo *fazer* exigindo um complemento, regido de preposição: *fazer por alguém, fazer pela vida*. Assim, Júlio Pires afirma que não destoa a preposição *com* seguido do verbo *fazer*. E expõe ainda que não se deve discutir mais sobre a forma *com que* colocada depois do verbo. O consultor encerra a questão defendendo que a forma “*Fazer com que*” é vernácula<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Disciplina lingüística que nos dá os métodos para descobrir os étimos dos vocábulos primitivos de uma língua.

<sup>3</sup> Diz-se da linguagem pura, sem estrangeirismo.

A última ocorrência foi enviada pelo Sr. L.D.C. que questionava a escrita da palavra *eschola* que é de origem grega que no latim se escreve com *ch* e que portanto, em português deveria ser conservado: o vocábulo, latino *schola* deveria dar, com a prótese de – *e* – o termo português *eschola*. O consultor tendo que justificar cita estudiosos e afirma que a forma *ch* na palavra *eschola* pode ser justificada no latim, porque indicava a pronuncia do fonema grego, não para nós que dele não mais precisamos.

Acredita-se que até o segundo século antes de Cristo não havia em latim – *ph*, *ch*, *lh* e que só apareceram depois que houve a necessidade de representar vocábulos estrangeiros introduzidos no latim. Em consequência disso, os vocábulos latinos que se escreviam sem *h* passaram a ser representados com esta letra. Contudo, o consultor aconselha o Sr. L.D.C. a não adotar a grafia *eschola* com *h*, por considerar uma letra inútil.

## **ORTOGRAFIA<sup>4</sup>**

Na área da ortografia, encontramos discussões que ainda estão presentes na modernidade, como, por exemplo o uso de *onde* e *aonde*. Quem discorre sobre a questão é A. Leite que afirma que essas formas devem ser usadas de acordo com a preposição que rege o verbo. Para dar consistência a sua colocação, Leite cita várias frases:

*Mas entre o dia e a noite está a galilé da igreja onde dormem os mortos...*

O consultor faz a análise: “o verbo *dormir* se constrói com *em*, logo após com o verbo *ir*, ao qual rege a ... e *aonde se vai ás ave-marias, rezar por elles.*”

Outra dúvida é enviada pelo Sr. V.A. a João Ribeiro, que o indaga a respeito da grafia correta da palavra *pretensão*, se é escrita com *s* ou *ç*. Ribeiro diz que, por muito tempo,

---

<sup>4</sup> Técnica para usar a linguagem como comunicação escrita.

a palavra foi escrita com ç, por isso ainda aparece com frequência. Todavia, afirma que o melhor é escrever com s devido a sua derivação *proetensum e proetensio (proetentum)*.

## MORFOLOGIA<sup>5</sup>

No campo da morfologia, há várias dúvidas, porém citaremos apenas duas: a primeira delas é descrita na revista de número 03 de janeiro de 1925 e traz em sua seção de consultas uma reflexão de Assis Cintra acerca de um plural duvidoso (a forma do plural dos nomes que terminam o singular em *ão*). Para tal reflexão, Cintra recorre a um grande clássico, setecentista, Francisco José Freire, que em suas Reflexões da Língua expôs a seguinte regra:

Quando não soubermos como se termina no plural os nomes que no singular terminam em *ão*, o melhor é recorrer à língua castelhana, porque se em português a palavra termina em *ão* e em castelhano em *an*, usaremos *ães*, por exemplo os castelhanos dizem *pan/ pão= pães* (português). José Freire afirma ainda que a regra entre nós não tem exceção, desde que em castelhano a terminação seja *an* e *anes*(plural). Porém, se as palavras que nós usamos tiverem a terminação *ão* e no castelhano *ano*, usaremos então o plural *ãos*, exemplo: *aldeano* (castelhano)/ aldeão = aldeãos (plural do português). Todavia desta regra são exceção *escrivão, tabelião* mesmo tendo *ão* como terminação e *ano* na castelhano é por costume (estética) que devemos dizer *escrivães, tabeliães*. De acordo com o autor se na língua espanhola as palavras terminarem em *on* e no português em *ão*, teremos a seguinte terminação *ões*, exemplo: *sermon/ sermão = sermões*.

A segunda questão envolve um questionamento de um leitor que se apresenta com a seguinte sigla Sr. V.P.A.

O leitor pergunta a João Ribeiro porque Rabello da Silva disse – *e um touro preto investiu com a praça* e não *contra a praça*. A preposição pode ser empregada com este sentido?. João Ribeiro responde que tais palavras são equivalentes em tal caso e explica a equivalência com a origem das palavras, pois *contra* não é mais que o comparativo de *com*, da mesma forma que *intra de in* e *extra de ex*. ele ainda afirma que não se deve estranhar o uso dessas palavras, já que têm a mesma natureza.

---

<sup>5</sup> Gramática; morfema; distribuição; pronome.

## SEMÂNTICA<sup>6</sup>

Em um dos casos, no qual ocorre apresentação de fenômenos que envolvem a semântica, Assis Cintra discorre acerca do significado existente entre as palavras período e sentença, e intitula a seção consultas com o nome Sinonímia esquisita. Ele afirma que alguns gramáticos apresentam as expressões sentença e período como palavras sinônimas, porém, não concorda com essa sinonímia e defende:

A palavra *sentença* vem do latim *sententia*, ou seja, *expressão da mente, expressão completa, juízo*. Quando, com o verbo na frase, exprimimos a ação completa, fazemos uma sentença, que exprime perfeitamente – o resultado do ato intelectual pelo qual predicamos uma coisa de outra. Já a palavra *período* é de origem grega *períodos*, que significa *caminho ao redor, circuito, âmbito*. É um termo retórico. E retórico diz Júlio Ribeiro (Questão gramatical, 1887, pág. 24), significa um composto de muitas sentenças presas uma as outras, formando um todo ornado, cadente, melodioso. Para dar sustentação a sua discussão ele cita Aristóteles e outros intelectuais. Assis Cintra define: sentença é uma concepção mental, completa, podendo ser expressa apenas numa proposição ou em muitas. O gramático declara preferência pela expressão *sentença* quando se fala em análise lógica.

Outro caso foi enviado pelo Sr. Alves Martins, que indaga o consultor Júlio Pires sobre a expressão – de mão – que deseja usar em certa frase – “o drama está todo traduzido já; só lhe falta a última de mão”. De acordo com Júlio Ribeiro, a expressão – de mão – é uma corruptela do vulgo e que deveria ser - a última mão – como ensinam os dicionários: dar uma mão de tinta, cal, óleo, etc a pintura ou parede. Diz ainda que tal expressão nada tem a ver com “mamão”. Considera o vocábulo – de – como partícula de realce, principalmente, porque

---

<sup>6</sup> Estudo da significação das formas lingüísticas.

se verifica com este vocábulo na frase – dar uma de mão – o que acontece geralmente com as partículas: podem ser tiradas da oração sem que o sentido se altere. A forma – de mão – é mais usada com o vocábulo – última – para significar último apuro, a perfeição. Porém, afirma que foi fácil a união entre esses dois vocábulos – de mão – originando dessa forma um só vocábulo – demão – usado com sentido de a camada de tinta ou cal sobre uma superfície e por extensão, cada vez que um assunto ou trabalho é recomeçado.

## SINTAXE<sup>7</sup>

No que diz respeito à sintaxe, temos os seguintes casos: o Sr. A.C. consulta Júlio Pires sobre a maneira de se analisar o objeto de uma oração e apresenta a frase: *Desejo vender uma casa*. Júlio Pires começa sua explicação afirmando que as variedades do sistema de análise não tem nenhuma importância na língua e de que nada valem para a inteligência do texto. Pires diz que o estudo se dar pela terminologia apresentada – vender uma casa – que o consulente, baseado em Júlio Ribeiro, denomina de objeto direto ampliado do verbo *desejo*. O consultor aceita, mas não aprova a denominação que Júlio Ribeiro dar ao infinitivo que acompanha certos verbos e confessa que há outras análises dessa frase que não destoam da inteligência do texto, e que estão de acordo com a lógica e com os princípios gerais da análise sintática. Uma delas é considerar – *desejo vender* – com uma linguagem composta ou perifrástica, em correspondência com – *posso vender, vou vender, etc.*

O Sr. A...M. enviou a seguinte frase: *morre-se por qualquer motivo*. E quer saber se o pronome – *Se* – nessa frase é sujeito. Júlio Pires diz que não havia razões para fortalecer a opinião dos que desejavam fazer do pronome – *Se* – sujeito de um verbo, em correspondência direta com o pronome – *on* – Francês. E explica que o pronome – *Se* – não tendo forma

---

<sup>7</sup> Gramática; morfema; sintagma; oração; distribuição; variantes.

nominativa no latim, não podia ser sujeito e, portanto, transmitia essa impossibilidade à língua portuguesa.

Havia naquele momento duas opiniões equivalentes. A primeira sustenta que o pronome – *Se* – forma com o verbo a voz média analítica, e, portanto, do verbo não se destaca: a oração fica sem sujeito gramatical. A segunda opinião é sustentada por Said Ali e por alguns gramáticos entre os quais Carneiro Ribeiro que diz que o verbo nesse caso é reputado impessoal de forma aparentemente passiva ou reflexa. Para outros, o pronome – *Se* – não é sujeito, mas representa o agente indeterminado. Dessa forma, o consultor conclui que o pronome – *Se* – não é sujeito e que o *Se* da frase apresentada pelo Sr. A...M. “*morre-se por qualquer motivo*”, indica que não se sabe determinadamente quem morreu, mostra que alguém, um individuo qualquer, um ser indeterminado, ou todo mundo perdeu a vida ou é capaz de perdê-la.

## **SOBRE JOÃO RIBEIRO**

Um dos consultores mais requisitados, ou pelo menos, um dos mais respaldado naquele período era João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes<sup>8</sup>.

Ele nasceu no dia 24 de junho de 1860 na cidade de Laranjeiras no estado de Sergipe, filho de Manoel Joaquim Fernandes e de D. Guilhermina Ribeiro Fernandes. Em 1880, João Ribeiro iniciou seus estudos em sua cidade de origem e completou o curso de humanidades no colégio estadual Atheneu Sergipense. Um ano depois seguiu para o Rio de Janeiro com o propósito de completar seus estudos.

Apaixonado pelos assuntos da filologia e da história, João Ribeiro desde cedo dedicou-se ao magistério. Professor de colégios particulares desde 1881, em 1887 submeteu-se a concurso no Colégio Pedro II, para a cadeira de Português, para a qual escreveu a tese

---

<sup>8</sup> Biografia pesquisada no site [www.cidadedearacaju.com.br/destaques/jribeiro.sht](http://www.cidadedearacaju.com.br/destaques/jribeiro.sht).

"Morfologia e colocação dos pronomes." Contudo só foi nomeado três anos depois, para a cadeira de História Universal. Foi também professor da Escola Dramática do Distrito Federal, cargo em que ainda estava em exercício quando faleceu. A sua atividade no magistério irá se desdobrar com a do autor de uma vasta obra nas áreas da filologia, da história e do ensaio. Escrevia então para A Semana, de Valentim de Magalhães, ao lado de Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Rodrigo Octavio, entre outros. Ali publicou os artigos que irão constituir os seus Estudos filológicos (1902).

No ano de 1885, João Ribeiro exerceu o cargo de oficial da Biblioteca Nacional, lugar para qual foi nomeado após concurso. João Ribeiro colocou em prática muitas de suas habilidades foi jornalista, filólogo, pintor, historiador, tradutor, crítico e poeta.

Como poeta, tem entre outros trabalhos uma coleção de poesias que nos premiam pela linguagem pura e escrupulosa correção da forma.

Suas principais obras são: Principais obras: Dicionário gramatical (1889); Versos (1890); Estudos filológicos (1902); Páginas de estética, ensaios (1905); Frases feitas, filologia (1908); Compêndio de história da literatura brasileira, história literária (1909); O fabordão, filologia (1910); Colméia, ensaios (1923); Curiosidades verbais, filologia (1927); Floresta de exemplos, contos (1931); A língua nacional, filologia (1921; 2a ed., 1933); Crítica (org. Múcio Leão) em quatro volumes: Os modernos (1952); Clássicos e românticos brasileiros (1952); Poetas. Parnasianismo e Simbolismo (1957); Autores de ficção (1959).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na década de 20, o Brasil estava vivendo momentos de grande efervescência a exemplo disso podemos destacar a Semana de Arte Moderna. Essa manifestação surgiu a partir do descontentamento de intelectuais que lutavam por um Brasil puro linguisticamente falando.

É interessante fazer essa referência já que o nosso material de estudo nos permite refletir acerca deste fenômeno: a nacionalidade principalmente da língua portuguesa também estava sendo questionada e dentre muitos intelectuais da época, Laudelino de Oliveira Freire possibilitou, através da publicação da Revista de Língua Portuguesa discussões que iam desde a literatura até questões sobre o uso correto da língua portuguesa. No ano de 1925, a Revista trouxe em sua seção de consultas, discussões que envolviam a estrutura da língua (analisadas pelas gramáticas). Dentre as estruturas percebemos que a parte da morfologia foi no ano de 25 a mais analisada. Talvez essas análises tenham surgido com mais frequência porque foi justamente nesse período que se buscava uma brasilidade. Os brasileiros, muitas vezes, não aceitavam como língua nacional palavras que derivavam de outras línguas.

Infelizmente, eles não sabiam dos avanços dos estudos lingüísticos que centraram seu alvo em estudos da própria língua, de sua formação e de sua heterogeneidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Liberato. **Brasileiro Ilustrado: Sergipanos ilustrados**. Rio de Janeiro. 1913.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 41ª edição. São Paulo-SP. Editora Pensamento-Cultrix Ltda. 1994.

CAMARA JR, J. Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. 17ª edição. Petrópolis. Editora Vozes. 1996.

FREIRE, Laudelino de Oliveira. **Revista de Língua Portuguesa – Archivo de Estudos Relativos ao idioma e Literatura Nacionais**. Publicação Bimestral n<sup>os</sup> 03, 34, 36, 37 e 38. Rio de Janeiro 1925.

FREIRE, Laudelino de Oliveira. **Biografia retirada do site** <[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)> (01/10/2005).

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário bio-bibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro, 1925.

INFANTE, Ulisses e NICOLA, José de. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. 7ª edição. São Paulo. Editora Scipione, 1991.

RIBEIRO, João. **Biografia retirada do site** <[www.cidadedearacaju.com.br/destaques/jribeiro.sth](http://www.cidadedearacaju.com.br/destaques/jribeiro.sth). > (01/10/2005).